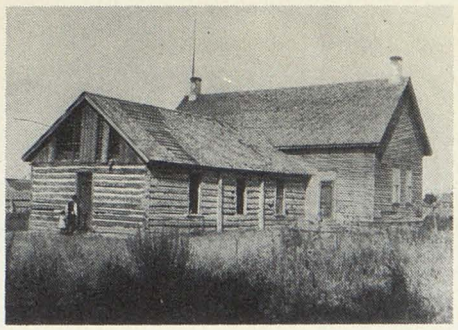
A Liahona 34/2 FEVEREIRO 1981



A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russell Ballard
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche

Executivo do «International Magazine»:
Larry Hiller, Editor Gerente;
Carol Moses, Editor Associado;
Heidi Holfeltz, Seção Infantil;
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DE A LIAHONA:
Danilo Talanskas, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da Costa Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção

A Liahona

Fevereiro de 1981
PBMA0540PO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1. Mensagem da Primeira Presidência: **A Questão do Dízimo,** Presidente Marion G. Romney
5. **Perguntas e Respostas,** Roy W. Doxey
8. **Como Eliminar a Discórdia,** A. LaVar Thornock
15 **Mischa Markow,** William Hale Kahr
21. **Vovô - Um Exemplo de Serviço e Posições Elevadas,** Kathleen Lubeck
22. **Intervalo Para Uma MIssão,** Rosemary Peck
29. **Chorando Com a Comediante da Classe,** Anya C. Bateman

SEÇÃO INFANTIL

1. Explorando Vidro de Formigas...
2. QUE CAMINHO DEVO SEGUIR?, Élder Rex C. Reeve, Sr.
4. A BARGANHA, Claudia Remington
8. SÓ PARA DIVERTIR

NOTÍCIAS LOCAIS

I Novo Representante Regional
II Estaca de João Pessoa Brasil
III Estaca de Santos Tem Nova Presidência
IV O Primeiro Missionário Português chamado para Missão no Brasil
Camisas Brancas para Missionários
V As Sementes do Amor ao Próximo
VI O Irmão Max Rezler e Seus Trabalhos
VIII Uma Bênção do Senhor
Meu Testemunho
Os Dois Representantes
X Minha Missão de Estaca
XI Quinta Sede de Formação Profissional
XII Jovens de Itanhaém
XIII Formatura de Seminário
XIV Conservar o Que Produzimos
XV Entre nós

Na capa: Paisagem de Outono - de James Taylos Harvood. Tela em óleo, 1926.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal* 26023, *São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: *Cr$ 100,00* para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: *Cr$ 10,00.* As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2430, CEP 05512, tel.: PABX 814.2277.

Mensagem da Primeira Presidência.

A QUESTÃO DO DÍZIMO

Presidente Marion G. Romney
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.

Aconselho sinceramente a todos que receberem esta mensagem: pagai vosso dízimo e sede abençoados. O dízimo não é uma oferta espontânea; é um débito cujo pagamento proporciona bênçãos incalculáveis.

Na seção 104 de Doutrina e Convênios, o Senhor estabelece alguns motivos pelos quais devemos pagar o dízimo. Ele disse:

"Pois é conveniente que eu, o Senhor, faça cada homem responsável, como um mordomo sobre bênçãos terrenas, as quais fiz e preparei para as minhas criaturas."(D&C 104:13.)

Ele acrescentou ainda: "Eu, o Senhor, estendi os céus e construí a terra, o trabalho de minhas próprias mãos; e todas as coisas são minhas.

"Mas é preciso que seja feito a meu modo; e eis que este é o modo que eu, o Senhor, decretei para prover pelos meus santos, que os pobres sejam exaltados no que os ricos são humilhados.

"Pois a terra está repleta, e há bastante e até de sobra; sim, eu preparei todas as coisas, e permiti que os filhos dos homens fossem seus próprios árbitros.

"Portanto, se qualquer homem tomar da abundância que fiz e, de acordo com a lei do meu evangelho, não repartir a sua porção com os pobres e os necessitados, ele, com os iníquos, erguerá os seus olhos no inferno, porque estará em tormento." (D&C 104:14-18.)

Desde o momento em que comecei a aprender algo a respeito do verdadeiro significado desta declaração, resolvi pagar o dízimo integral.

A Lei do Dízimo

Na época em que foi dada a Seção 104, os santos já haviam recebido o mandamento de repartir seu sustento com os pobres e necessitados — não apenas um décimo de seus rendimentos, mas tudo o que requeria a lei da consagração.

Em 1838, quatro anos após receberem esta revelação, o Senhor deu a seu povo a lei do dízi-

mo. Nessa ocasião a Igreja estava em grandes dificuldades financeiras por não ter uma lei de rendimentos. Foi sob estas circunstâncias que o Profeta Joseph Smith recebeu uma resposta à seguinte súplica: "Ó Senhor, torne conhecido aos teus servos, quanto dízimo requeres que o teu povo te dê de suas propriedades." (D&C 119, cabeçalho da seção.)

O Senhor respondeu, dizendo: "Na verdade, assim diz o Senhor, exijo que toda a sua propriedade de sobra seja entregue nas mãos do bispo da minha Igreja de Sião.

"Para a edificação da minha casa, para a colocação do alicerce de Sião e para o sacerdócio, e para o pagamento das dívidas da Presidência da minha igreja.

"E este será o princípio do dízimo do meu povo.

"E, depois disso, os que assim tiverem pago seu dízimo, pagarão um décimo de todos os seus juros anuais; e isto lhes será uma lei perpétua, e para o meu santo sacerdócio, para sempre, diz o Senhor." (D&C 119:1-4.)

Uma Obrigação Legal Perante o Senhor.

Esta escritura não deixa qualquer dúvida de que o dízimo é um débito que todos têm perante o Senhor, por usarem as coisas que ele fez e que foram colocadas sob sua mordomia. O Senhor, a quem devemos o dízimo, encontra-se na posição de credor preferencial. Se temos dinheiro suficiente para saldar as dívidas que temos para com todos os nossos credores, ele é o primeiro que deve receber. Esta declaração pode ser um tanto chocante

para algumas pessoas, porém é verdadeira. Todavia, os demais credores não precisam preocuparse, pois o Senhor sempre abençoa aquele que tem fé suficiente para pagar o dízimo, de modo que seja capaz de saldar seus outros compromissos.

Considero o pagamento do dízimo como um seguro investimento financeiro. O Senhor declarou o seguinte àqueles que pagam seus dízimos: "Fazei prova de mim... se eu vos não abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança.

"E por causa de vós repreenderei o devorador, para que vos não consuma o fruto da terra; e a vide no campo vos não será estéril, diz o Senhor...

"E todas as nações vos chamarão bem-aventurados; porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos.

Que esta promessa de uma recompensa material é de aplicação universal é evidente pelo fato de que foi ensinada pelo Senhor ressuscitado aos nefitas, e pelo fato inquestionável de que ele instruiu aquele povo a escrever aquele ensinamento em seus registros, para que chegasse até nós através do Livro do Mórmon. (ver 3 Néfi 24:10-12).

Proteção Contra Incêndio

O pagamento do dízimo é também um proveitoso seguro contra incêndio. Através de seus profetas o Senhor nos disse que, por ocasião de sua segunda vinda, haveria uma grande conflagração. Malaquias nos diz o seguinte a esse respeito, em seu pronunciamento sobre os dízimos e ofertas:

"Porque eis que aquele dia vem," disse ele, "ardente como forno; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como palha; e o dia que está por vir os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo.

"Mas para vós, que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, e salvação trará debaixo de suas asas; e saireis, e crescereis como os bezerros do cevadouro." (Malaquias 4:1-2.)

Esta profecia foi citada por Jesus aos nefitas (ver 3 Néfi 25:1-2) e, com uma pequena diferença, por Morôni a Joseph Smith.

Em setembro de 1831, o Senhor deu uma revelação na qual ele dá maiores esclarecimentos a respeito da queima que acompanhará sua segunda vinda:

"Eis que o tempo compreendido entre o presente e a vinda do Filho do Homem se chama hoje, e na verdade este é um dia de sacrifício, e um dia para o dízimo do meu povo; pois aquele que paga seu dízimo não será queimado na ocasião da sua vinda."

"Pois, depois de hoje vem a queima — isto é, falando à maneira do Senhor — pois na verdade digo eu que amanhã todos os soberbos e os que praticam a iniqüidade serão como o restolho; e eu os queimarei, pois sou o Senhor dos Exércitos; e não pouparei a nenhum que permanecer em Babilônia.

"Portanto, se me acreditais, trabalhareis no tempo que se chama hoje." (D&C 64:23-25.)

Assim sendo, se vocês acreditam nesta revelação, paguem seu dízimo.

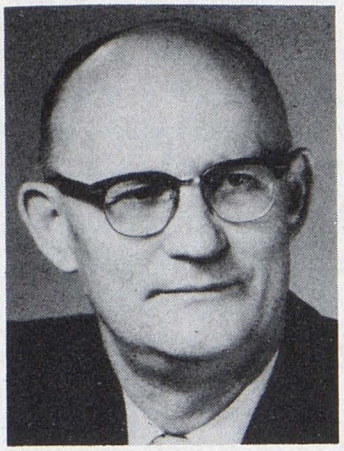
Sei por experiência própria, e disto testifico, que a pessoa que paga um dízimo honesto recebe paz, conforto e segurança. Se algum dia vocês se encontrarem numa circunstância em que não sabem quanto devem pagar, contribuam com um pouco mais, pois é melhor pagar mais que o necessário do que restituir ao Senhor menos do que lhe é devido.

Uma Bênção

E finalmente, que o Senhor vos abençoe. Continuai a pagar fielmente vossos dízimos, sem nunca fraquejar. Estamos vivendo de modo a alcançar a *vida eterna*. Quando envelhecerdes e chegar a época em que não mais necessitareis das coisas deste mundo, será uma experiência maravilhosa se tiverdes um registro seguro, em que possais confiar, o qual vos dará o direito de viver na presença de nosso Pai Celestial ao lado das pessoas justas que viveram em todas as épocas. Podereis alcançar este objetivo observando fielmente,dia após dia, ano após ano, a lei do dízimo e outros requisitos do evangelho de Jesus Cristo.

Deixo convosco uma bênção, e oro para que Deus, nosso Pai Celestial, nos conceda a habilidade de viver de maneira que possamos cumprir os objetivos desta vida, e voltar a sua presença.

PERGUNTAS E RESPOSTAS



Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas para orientação e não como declarações oficiais de normas da Igreja.

Oramos ao Pai Celestial e recebemos as respostas a nossas orações através do Espírito Santo. Assim sendo, como podemos achegar-nos ao Salvador?

Roy W. Doxey, diretor do Programa de Correlação da Igreja

É verdade que o Salvador nos ordenou que devemos orar ao Pai Eterno, o Pai de nosso espírito, em nome de Jesus Cristo, embora o Senhor ressuscitado tenha permitido aos nefitas orarem a ele, aparentemente porque se encontrava em seu meio (ver 3 Néfi 19:17-30.)

Também não resta dúvida de que nos ordenou que nos achegássemos a ele, que o procurássemos diligentemente que assim o encontraríamos (D&C 88:63-64.) Ele expiou nossos pecados e é um membro da Deidade, portanto, ele tem um relacionamento muito especial com cada um de nós. Todas as revelações, desde que nossos primeiros pais foram expulsos do Jardim do Éden, foram dadas através de Jesus Cristo. Observem, por exemplo, que muitas revelações encontradas em Doutrina e Convênios começam com a seguinte advertência: "Atende e ouve a voz daquele que é de toda eternidade a toda eternidade, o Grande Eu Sou, mesmo Jesus Cristo." (D&C 39:1). O nome "EU SOU," pelo qual Jesus Cristo era conhecido na antiga Israel (Êxodo 3:14), indica significativamente que o Salvador era também o Deus do Velho Testamento. E ainda, ele é identificado nas escrituras modernas como Jeová (D&C 110:3), um nome pelo qual ele também era conhecido nos tempos primitivos.

Não fosse pelo sacrifício expiatório nosso espírito se tornaria sujeito ao diabo, estaria na mesma condição que ele, expulso da presença de Deus e fadado a viver em eterna miséria (ver 2 Néfi 9:8,9). Considerando que todas as coisas são feitas através de Cristo, como podemos achegar-nos a ele?

1. Imitando os exemplos de sua vida. Ele nos ordenou que devemos ser perfeitos assim como ele e o Pai são perfeitos (ver 3 Néfi 12:48). Já que a perfeição é a meta primordial de todo santo dos últimos dias, o ato de nos esforçarmos diariamente para guardar os mandamentos, faz com que nos acheguemos mais a ele.

O Senhor foi bondoso para seus filhos ao revelar que eles serão abençoados se *se esforçarem* para observar os mandamentos (ver D&C 46:9).

2. Orando ao Pai Celestial em nome de Jesus Cristo. Sem a oração sincera seria impossível alcançar as metas do evangelho. Sabendo isto, Satanás induz as pessoas a não orar (ver 2 Néfi 32:8). Na falta dessa segura defesa, é quase certo que cairemos em tentação, o que resultaria na perda das recompensas prometidas (ver D&C 61:39). O Senhor nos prometeu que se orarmos sempre "sairemos vencedores" (D&C 10:5). Embora oremos ao Pai, acaso não sentimos que estamos na presença tanto do Pai como do Filho, por termos sido ordenados a orar em nome de Jesus? (ver 3 Néfi 18:19; 20:31). Essa espécie de "proximidade" não seria evidente, já que ambos são membros da Deidade?

3. Estudando as escrituras. Se desejamos achegar-nos ao Salvador, devemos saber o que ele requer de nós. Nossa pequena capacidade de discernir entre o que é certo e errado, sem o auxílio das escrituras, poderia fazer com que nos afastássemos do caminho da salvação. Por exemplo, a pessoa que é ofendida deve ser a primeira a procurar reconciliação? A natureza humana freqüentemente sugere que o indivíduo ultrajado deve esperar que o ofensor tome o primeiro passo no sentido de restabelecer a paz. Porém não é este o processo de acordo com os ensinamentos do Senhor. (ver Mateus 5:23-24.)

A experiência nos tem ensinado que geralmente a pessoa mais versada nas escrituras tem maior capacidade de ser fiel.

4. Procurando obter a influência do Espírito Santo. Todo membro da Igreja tem o direito de receber a companhia do Espírito, e deve procurar obter essa grande bênção. O Espírito Santo testifica do Pai e do Filho e esclarece a alma nas coisas concernentes a eles. Vocês já sentiram a influência edificante do Espírito, a orar e receber a certeza de que a oração foi ouvida e que logo viria a resposta? Muitas vezes a proximidade em que a pessoa está

do Salvador é manifestada pelo Espírito Santo.

5. Seguindo os conselhos das Autoridades Gerais. Os servos autorizados de Deus recebem interpretações das escrituras, soluções aos problemas atuais e uma asseguradora certeza dos ensinamentos do evangelho que nos levam à perfeição. Se seguirmos os ensinamentos inspirados das Autoridades Gerais da Igreja, um dia chegaremos a ter um relacionamento mais íntimo com o autor de nossa salvação, alcançando eventualmente nossa maior meta, que é a de sermos exaltados em sua presença. Quando alguém é um discípulo de Jesus Cristo, seu relacionamento com ele se torna mais estreito e lhe dá uma sensação de proximidade. Todavia, se rejeitarmos seus conselhos, ou se até mesmo não soubermos o que as Autoridades Gerais nos aconselham, diminui a influência do Espírito do Senhor em nossa vida. De fato, a rejeição gera a apostasia e perda do Espírito Santo, mas o esforço para obedecer aos conselhos recebidos nos traz a confirmação do Espírito e a resultante paz e alegria que ela nos proporciona. Tal sentimento faz com que nos acheguemos mais ao Salvador e são, em última análise, as bênçãos que ele prometeu àqueles que guardam seus mandamentos. As escrituras nos advertem que não podemos ser abençoados, a menos que atendamos às palavras que nos foram dadas através de seus servos. (Ver D&C 124:45-46.)

6. Participando do sacramento. Esta é uma das maneiras mais sublimes pela qual podemos ter um relacionamento com o Salvador. A hora sacramental é uma ocasião incomparavelmente propícia para nos lembrarmos do Salvador, de meditarmos no que significa tomar sobre nós o seu nome e procurar ter o seu Espírito. O sacramento nos dá uma oportunidade periódica de nos achegarmos mais àquele ser que recordamos naquele instante sagrado.

7. Através de atitudes espirituais. Pagando o dízimo, ofertas de jejum e outros donativos e prestando alguma espécie de serviço, como realizando as visitas dos mestres familiares e professoras visitantes, cumprindo designações de ensinar no sacerdócio e nas auxiliares, aceitando os chamados de liderança e de muitas outras formas que nos proporcionam oportunidades de crescimento espiritual. Tal procedimento aviva em nosso íntimo o desejo de nos achegarmos ao Salvador nas outras maneiras mencionadas aqui.

O exemplo de relacionamento ideal que devemos ter com Jesus Cristo pode ser resumido no seguinte conselho que o Senhor deu a Enoque: "Caminha Comigo" (Moisés 6:34). Para caminhar com o Salvador precisamos seguir na vida o caminho que as escrituras e a Igreja delineiam para nós. Como o próprio nome "santo", significa sermos separados para um serviço especial na causa do Senhor, ou separados do mundo.

COMO ELIMINAR A DISCÓRDIA

A. LaVar Thornock

Satanás procura semear a discórdia por toda parte, inclusive na Igreja. A pessoa que possui um espírito contencioso geralmente pensa principalmente em si mesma. Quando cedemos a esse tipo de sentimento nos distanciamos cada vez mais do Espírito de Deus. O Senhor disse, "Aquele que tem o espírito de discórdia não é meu, mas é do

demônio, que é o pai da discórdia e leva a cólera aos corações dos homens, para contenderem uns com os outros.'' (3 Néfi 11:29).

Há ocasiões em que a discórdia surge no coração das pessoas porque não concordam com o que um líder está procurando fazer. Lembro-me de certo casal que estava aborrecido com seu bispo. Eles me procuraram, pois naquela época era o presidente da estaca, e disseram que o bispo havia pedido que o filho deles ocupasse uma certa posição no sacerdócio — mas tinha solicitado que ele cortasse o cabelo antes de apresentar-se ao quorum. O rapaz ficou zangado com isso, pois cortara o cabelo havia pouco tempo e achava que não precisava deixá-lo ainda mais curto. Quando os ultrajados pais vieram apresentar-me suas reclamações, disseram que pior seria se ele estivesse fumando ou bebendo, e que o corte do cabelo do rapaz era algo muito banal para o bispo preocupar-se. Por que ele insistia tanto naquele ponto?

Depois de ouvir o que eles tinham a dizer, perguntei se realmente amavam seu filho. Eles ficaram surpresos com aquela pergunta e imediatamente me asseguraram que era por aquela razão que estavam diante de mim. Declarei que se o rapaz fosse meu filho iria para casa e diria a ele quão grato me sentia pelo bispo ter demonstrado tanto amor e consideração por ele. Era um grande privilégio ser escolhido como um dos conselheiros do quorum do sacerdócio. Provavelmente o bispo deve ter achado que ele possuía grande habilidade de liderança e a capacidade de ser um exemplo para todos os outros sacerdotes da ala. Eu diria a meu filho como o Senhor ama a seus servos obedientes e que muitas vezes nossa obediência deve ser alicerçada na fé.

Disse àquele maravilhoso casal que precisavam fortalecer, de todas as maneiras possíveis, o conceito que seu filho tinha a respeito do bispo, pois do contrário a revolta do rapaz só lhe traria momentos infelizes. O ato de não apoiarem a decisão do bispo faria o filho deles entender que aquele líder não fora chamado por Deus, que podemos seguir o que dizem nossos líderes quando bem quisermos. O grande risco dessa atitude seria o de aparentemente estarem ensinando seu filho a fazer suas próprias leis, assumindo a posição de juiz das palavras e obras daqueles que foram chamados para guiá-lo. Chegaria o dia em que seu filho teria que se defrontar com um teste mais sério do que um simples corte de cabelo. A reação que o rapaz — e os pais dele — apresentariam diante de um pequeno teste como aquele determinaria a atitude que teriam diante dos maiores.

Ao conversarmos um pouco mais, o espírito de discórdia que havia no local rapidamente desapareceu. O Espírito nos fez lembrar de que a discórdia é uma arma de Satanás e só pode trazer conseqüências desastrosas.

Há ocasiões em que fazemos nascer um espírito de contenção na Igreja, sendo insensíveis aos sentimentos alheios. Certa vez, quando era missionário, fui chamado para trabalhar na casa da missão. Eu tinha a obrigação de toda manhã dar uma aula de teologia a todos os missionários que trabalhavam lá. Um dia uma sister mais idosa, recém-chegada na missão, veio assistir à aula junto com os demais. Durante os debates ela apresentou uma firme objeção ao conceito que eu estava ensinando e até mesmo quis fazer prevalecer seu ponto de vista. Não demorei muito a provar que ela estava errada. Mas não demorou muito e o Espírito do Senhor tocou minha alma e eu notei o ressentimento que estava estampado na fisionomia dela. Uma pergunta surgiu em minha mente: "Será que eu tinha o direito de ser um missionário, se era insensível aos sentimentos de uma das minhas irmãs?"

Chegando o término da aula, fui logo em seguida até a biblioteca da missão. Pesquisei nos livros por mais de uma hora para encontrar algum ensinamento que corroborasse o que a síster havia dito. Finalmente encontrei uma declaração que apoiava seu ponto de vista. Entusiasmado com a descoberta estava prestes a defrontar-me com o maior desafio de minha vida. Eu a tinha humilhado diante de todos os missionários e precisava demonstrar meu arrependimento na frente de todos eles.

Pela manhã, ao ajoelhar-me diante da mesa, antes do desjejum, perguntei ao presidente Bunker se podia falar por alguns minutos antes da oração. Ele consentiu e eu me dirigi àquela querida irmã e pedi desculpas pelo que havia feito e li a declaração do Élder Orson F. Whitney. Ela agradeceu-me com um pequeno sorriso. Naquele momento todo o meu ser vibrou com o mais doce e profundo amor. Eu havia aprendido uma grande lição; se permitirmos que o orgulho nos impeça de fazer o que é certo, perdemos uma das maiores alegrias da vida.

Naquela manhã a oração pareceu estar envolta num sentimento de pureza. A vida era emocionante e eu estava extremamente feliz. Após o desjejum a síster dirigiu-se até onde eu estava e agradeceu-me. O arrependimento vencera a discórdia, trazendo consigo a paz de espírito.

Quando aprendemos a sobrepujar a discórdia achegamo-nos ainda mais a Cristo. A contenção destrói o bom relacionamento que existe entre os membros da família e é um grande obstáculo ao progresso da Igreja. Porém à medida que aprendemos o evangelho, arrependemo-nos de nossas faltas, e obedecemos aos conselhos de nossos profetas vivos, podemos vencer a discórdia e reiniciar nossa jornada de volta à presença de Deus. Quando, através do sacrifício expiatório e do autodomínio nos elevarmos acima do homem natural, estaremos aptos a começar a viver as leis eternas, e assim receberemos as bênçãos infinitas.

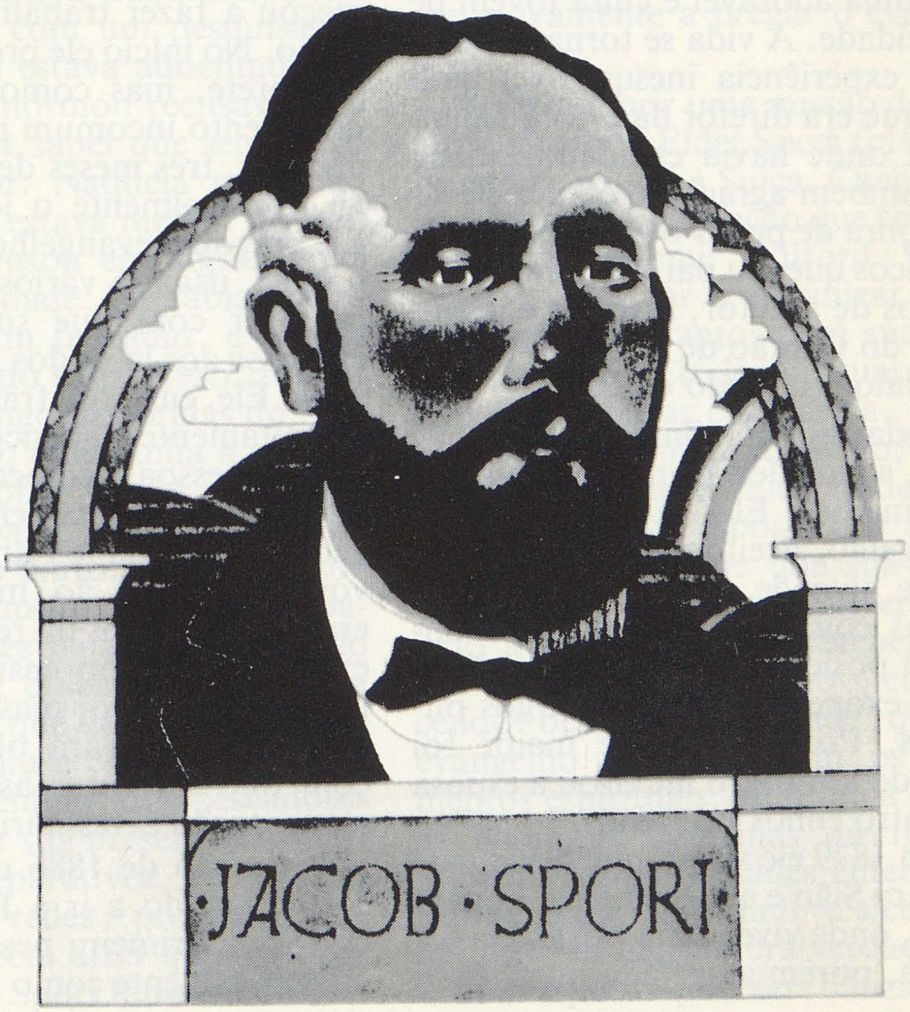
ISTAMBUL E REXBURG

Campo Missionário de Jacob Spori

Denton Y. Brewerton

Em 1847, no mesmo ano em que os pioneiros entraram no Vale do Lago Salgado, nascia Jacob Spori, numa solitária vila dos Alpes Suiços. Sua vida seria uma das mais admiráveis, e sua dedicação à Igreja fez com que alcançasse grandes realizações nos dois lados deste planeta — inclusive as façanhas incríveis de aprender sozinho o idioma turco, na época em que estava cumprindo missão em Istambul, e de arcar com as despesas financeiras do Ricks College, quando foi o seu primeiro administrador.

Jacob foi criado em Oberwill, Suíça. Seu pai era descendente dos huguenotes franceses, de uma longa



estirpe de professores. Jacob herdou deles um grande amor ao estudo. Desde a infância tornou-se evidente sua apreciação pelos livros, e ele começou o ginásio com treze anos de idade, terminando o curso colegial nove anos depois, tirando as melhores notas em matemática, artes e música. Jacob eventualmente aprendeu a ler e escrever treze idiomas.

Seus pais viviam devotamente os princípios cristãos, e deles Jacob aprendeu o valor e dignidade do trabalho árduo; a inesgotável energia foi uma das principais virtudes de sua vida.

Aos vinte e oito anos de idade Jacob casou-se com Magdalene Roschi, uma adorável e culta jovem de sua cidade. A vida se tornara agora uma experiência inesquecível para ele, que era diretor da escola secundária onde havia estudado. Jacob foi também agraciado com a elevada honra de poder ocupar os cargos públicos que seu pai exercera, inclusive os de auditor, assessor e tesoureiro do Cantão de Berna, o segundo maior condado da Suíça.

Todavia, no final do ano de 1870, a vida dele transformou-se radicalmente. Ele ouviu falar do evangelho, aceitou-o e de imediato viu-se alvo de perseguições. Entre outras coisas foi forçado a renunciar à posição de diretor do colégio e foi exonerado de seus cargos públicos. Porém o golpe maior foi quando seu sogro lhe tirou a esposa e quatro filhos pequenos.

Em 1879 ele sentiu que devia partir para Sião e emigrou para Logan, Utah, onde viveu uma existência solitária, porém atarefada durante os próximos cinco anos. Lá ele estudou inglês e história da Igreja, trabalhou em serrarias e na construção de ferrovias. Sua irmã Anna Clara, que ficou em sua terra natal, entregava as cartas que ele remetia à esposa, mantendo-o assim em contato com ela e os filhos.

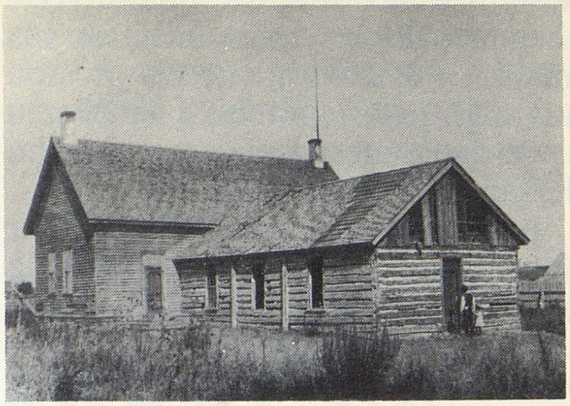
Os primeiros anos que viveu na América foram muito difíceis para ele. Sua filha, Elizabeth Stowell diz que ele sofreu muito para adaptar-se ao novo ambiente, e freqüentemente se sentia desencorajado. Porém ele jamais lamentou por ter aceito o evangelho.

Em 1884 o Élder Spori foi enviado para uma missão na Turquia, e chegou a Istambul alguns dias depois do Natal, e imediatamente começou a fazer trabalho de proselitismo. No início ele precisava de um intérprete, mas como Jacob tinha um talento incomum para aprender idiomas, três meses depois dominava razoavelmente o idioma turco. Ele pregou o evangelho com energia e vigor, usando vários métodos para fazer com que sua mensagem chegasse aos lares dos habitantes do país. Ele ensinou francês e inglês gratuitamente e abençoou a vida de muitas pessoas, colocando em seus corações os ensinamentos do evangelho. Seus alunos aprendiam novos idiomas e ao mesmo tempo eram informados da restauração do evangelho. Jacob ensinou também o idioma alemão, mas cobrava por estes serviços para obter recursos com que enfrentar as despesas de alimentação e vestuário.

No verão de 1886 o Élder Spori foi designado a ir à Palestina. Jacob foi a primeira pessoa chamada especificamente como missionário a

visitar aquele país nesta dispensação. Orson Hyde dedicou aquela terra à pregação do evangelho no ano de 1841, mas não fez qualquer trabalho de proselitismo. O Élder Spori realizou o primeiro batismo na Palestina, batizando Johan George Grau no dia 29 de agosto de 1886. As viagens missionárias do Élder Spori levaram-no a regiões distantes, como Jopa, Damasco e Jerusalém. Foi ali, na terra da Palestina, que ele descobriu como era possível realizar milagres com uma pequena ajuda.

As leis do país exigiam que todos os cristãos deviam retirar-se da cidade de Haifa antes dos portões serem fechados ao anoitecer, mas o Élder Spori estava trabalhando naquela cidade com um pesquisador que na época estava adoentado. O jovem élder mórmon recusava-se a partir antes de saber que seu amigo estava melhor. Naquela noite, ao saber que ele estava melhor de saúde, Jacob pensou em algum meio de deixar a cidade. Ele sabia que as portas estavam fechadas, e que se fosse apanhado seria preso. Ao caminhar ao longo das praias do Mar Mediterrâneo, que banha a cidade, meditando sobre o que fazer, ele viu alguns barcos pesqueiros que atracavam no porto. O Élder Jacob viu ainda alguns homens que preparavam as redes para o trabalho do dia seguinte e sentiu a profunda impressão de que devia ajudá-los, e assim se reuniu a eles e começou a trabalhar. Nenhum dos pescadores pareceu notar sua presença. Ao terminar os preparativos, os homens enrolaram as redes e prepararam-se para partir. Sem dizer qualquer palavra o Élder Spori também embarcou. Não demorou muito e estavam ao largo. No dia seguinte o barco aportou no Cairo, o élder desembarcou e entrando na cidade começou novamente a pregar o evangelho.



A Academia da Estaca de Bannock, em 1895. A academia se tornou conhecida como Ricks College. Jacob Spori foi seu primeiro diretor. Fotografia por J. Stanley Anderson, cortesia dos Arquivos Fotográficos da Universidade de Brigham Young.

Após cumprir uma missão de três anos e meio, o Élder Spori foi desobrigado e voltou à Suíça. Chegando lá cumpriu a designação que recebera do Presidente Wilford Woodruff, de ajudar a organizar uma companhia de santos para sua jornada a Sião. Ele levou quase um ano para realizar essa tarefa.

Antes de terminar a missão, o Élder Spori havia recebido notícia de sua inconsolável esposa, que ainda estava na Suíça, de que sua filha mais velha, Katherine, falecera devido a ferimentos que recebera ao cair de um balanço. Jacob, conhecendo bem a capacidade que o evangelho tinha de curar os ferimentos espirituais, escreveu à esposa sobre as doutrinas da Igreja. Aquelas novas verdades enterneceram seu coração e ela teve a certeza de que o evangelho era verdadeiro.

Sua esposa quis ser batizada e

reuniu-se ao marido quando ele chegou à Suíça após terminar sua missão. Posteriormente ela prestou um ardente testemunho e agradeceu as verdades eternas que o evangelho derramou em sua vida.

Antes de partir para Sião, o Élder Spori traduziu diversos folhetos da Igreja para o idioma francês, com o auxílio de sua irmã mais nova, Anna Clara Spori, uma jovem talentosa e culta.

Finalmente Jacob Spori, sua esposa e três filhos, Jacob, Magdalene e Louise e sua irmã Anna Clara partiram de Berna para a América, no mês de junho de 1888. Seu destino era Rexburg, Idaho. Jacob havia sido chamado para ser o primeiro diretor do Ricks College, e o ano letivo estava prestes a começar.

Foi difícil encontrar uma casa em Rexburg, por isto a família Spori alojou-se num celeiro vazio, que era para guardar os dízimos pagos em espécie. Seu quinto filho, Elizabeth, nasceu lá, em 6 de julho de 1888.

Jacob Spori ocupou aquela posição durante quatro anos, época em que ele não somente lecionou, mas também foi um amigo das famílias dos alunos. Ele costumava visitar os lares dos santos, especialmente quando havia alguém enfermo.

"Por ocasião da epidemia de difteria, que houve em 1891," recorda sua filha, "ele destemidamente administrou os enfermos e consolou os aflitos." Duas de suas filhas contraíram a enfermidade, mas ele administrou-as, com a fé inabalável de que elas seriam poupadas pelo poder de Deus, e assim aconteceu.

Após trabalhar quatro anos como diretor da escola, o Élder Spori pediu demissão e foi honrosamente desobrigado de seu trabalho. Em seguida ele se dedicou ao cultivo de uma fazenda e deu início a um projeto que se tornou posteriormente uma das maiores realizações no campo da agricultura. Ele ajudou a construir o canal de Egin Bench, que é agora conhecido como o Canal Spori.

Jacob Spori faleceu em 1903, quando havia retornado ao magistério, ainda realizando as obras notáveis que achava que deviam ser feitas. Seu médico advertiu-o de que sofria de diabetes, que ele devia parar de trabalhar e descansar um pouco. Jacob respondeu que "preferia morrer trabalhando do que morrer em repouso".

Duas características importantes da vida de Jacob Spori foram sua grande versatilidade e fé inabalável. Ele foi um grande educador, um estudante de idiomas e notável missionário. Ele apreciava muito a geologia e mineração, formando-se em metalurgia aos cinqüenta anos de idade. Seu primeiro interesse pela medicina despertou em Istambul. A música foi seu grande passatempo, e aprendeu a tocar diversos instrumentos. A ciência e a agricultura também eram parte de sua vida.

Sua existência é soberbamente resumida nas palavras de sua filha: "Ele tinha um testemunho tão ardente que o prestava sempre que era possível. Ele costumava dizer que nenhuma atitude dos homens poderá alterar a veracidade do evangelho. Todos os sacrifícios que ele teve de fazer lhe pareciam insignificantes comparados à paz e alegria que se derramaram em sua vida ao filiar-se à Igreja."

Os caminhos de Jacob Spori e de Mischa Markow se cruzaram apenas uma vez — quando Jacob pregou o evangelho a ele, marcando o início de toda uma vida de serviços que Mischa prestou à Igreja.

"Três vezes fui açoitado," lembrou o apóstolo Paulo aos desgarrados san-

Missionário nos Balcãs.

MISCHA MARKOW

William Hale Kahr

tos de Corinto, "uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio... Em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação ... em jejum muitas vezes, em frio e nudez." (2 Coríntios 11:25-27.)

Esta lista despretensiosa de sacrifícios relembrava aos coríntios a devoção inabalável e as aflições que Paulo havia suportado para pregar-lhes o evangelho do qual eles se encontravam afastados naquele momento.

Mischa Markow não escreveu sua própria história com a intenção de servir de memorial para ser lido por seus conversos; ele traçou-a cuidadosamente em seu inglês truncado na capa interior de sua autobiografia: "Eu, Mischa Markow, preguei o evangelho em 8 reinos: 1. Bélgica, 2. Hungria, 3. Romênia, 4. Bulgária, 5. Alemanha, 6. Turquia, 7. Rússia, e 8. Sérvia. Fui preso onze vezes, quatro vezes fui levado a julgamento, duas vezes julgado perante o Supremo Tribunal, e fui três vezes mantido sob custódia. A polícia guardava o portão de minha residência, e se alguém queria falar comigo ela não permitia. Isto aconteceu na Romênia, Bulgária e Sérvia. Por duas vezes fui deportado — da Hungria e da Sérvia. Estive preso duas vezes, na Romênia e Hungria." (Mischa Markow, "Life History," Departamento de Arquivos Históricos da Igreja).

Um homem tranqüilo, em cujo íntimo existia o mais profundo fervor, Mischa Markow foi, no final do século dezenove, o missionário da Igreja em algumas áreas onde o trabalho está para ser reiniciado.

Nascido em 21 de outubro de 1854, na Hungria, filho de pai sérvio e mãe romena, ele foi criado na religião sérvia-ortodoxa. "Eu tinha uma grande inclinação religiosa," comentou ele, "e desejava muito conhecer a cidade de Jerusalém." Com a idade de 32 anos, ainda solteiro, ele fez uma peregrinação à Terra Santa e de lá seguiu para Alexandria, no Egito, onde trabalhou na profissão de barbeiro e estudou a Bíblia. Após oito meses ele conscientizou-se de que "minha igreja não é a verdadeira" e decidiu visitar as igrejas protestantes de Istambul, para ver se alguma delas era idêntica à igreja bíblica.

Nesse ínterim, a centenas de quilômetros de distância, ao viajar pela Palestina, Jacob Spori, presidente da Missão Turca da Igreja, teve uma visão na qual ele viu a si próprio em Alexandria, onde encontrou um homem a quem devia pregar o evangelho. O presidente Spori imediatamente tomou um navio para aquela cidade. Chegando lá, após ter procurado inutilmente encontrar o homem que vira no sonho, ele comprou passagem de volta para Istambul. Quando o Élder Spori estava recostado na amurada, esperando o navio partir, subitamente viu um homem que subia a rampa de acesso — Mischa Markow, a mesma pessoa que conhecera em visão.

A viagem para Istambul, em janeiro de 1887, levou quatro dias. O Presidente Spori falou a Mischa a respeito da visão, e este registrou o seguinte em sua biografia: "Ele começou a pregar-me o evangelho e por um momento pensei que ele era um anjo que viera visitar-me." ("Life and History", p. 51). Ao chegarem em Istambul, o Presidente Spori apresentou-o aos outros missionários, chamados F. F. Hintze e J. Marion Tanner. Mischa foi batizado no

Mar Negro em 1º de fevereiro de 1887.

Quando ainda não fora ordenado ao sacerdócio, o irmão Markow foi visitar seus pais e falou-lhes a respeito do evangelho restaurado. Eles de início pareceram receptivos à mensagem, por isto ele telegrafou ao Élder Hintze, pedindo que viesse batizá-los, mas assim que o missionário chegou ambos viram que o casal ainda não estava preparado. O Élder Hintze ordenou o irmão de Markow ao sacerdócio e no dia seguinte começaram a realizar reuniões. Não demorou muito e o missionário americano foi forçado a apresentar-se diante do juiz da cidade, o qual lhe ordenou que deixasse o país dentro de quarenta e oito horas.

Mischa fez o Élder Hintze usar aqueles dois dias que lhe restavam para ensinar-lhe como trabalhavam os missionários. As instruções eram simples: "Irmão Markow, você é um élder da Igreja de Jesus Cristo e tem autoridade para batizar e impor as mãos para o recebimento do Espírito Santo, e deve pregar o evangelho sempre que lhe seja possível." ("Life and History," p. 52.)

Mischa prometeu a si mesmo que não emigraria para a América sem que soubesse pregar e batizar com eficácia. Em sua primeira viagem ele partiu da Hungria para o porto russo de Odessa, no Mar Negro, de onde seguiu para Inglaterra. Ele falava fluentemente os idiomas sérvio, búlgaro, húngaro e alemão — mas nem uma palavra de inglês. O Élder Markow foi para Antuérpia, na Bélgica, onde entrou em contato com a comunidade alemã que lá vivia. "Eles não me deram ouvidos, por causa de minha aparência modesta, " disse ele, contando sua história, "e eu orei ao Senhor, pedindo que me informasse se havia alguém naquela cidade preparado para receber o evangelho, e o Senhor revelou-me que havia muitas pessoas dispostas a aceitá-lo. Ele mostrou-me também que eu seria a primeira pessoa a abrir a missão na Bélgica. Orei novamente pedindo a ele que

Um homem tranqüilo, em cujo íntimo existia o mais profundo fervor, Mischa Markow foi, no final do século dezenove, o missionário da Igreja em algumas áreas onde o trabalho está por reiniciar.

me mostrasse onde poderia encontrar aquelas pessoas ansiosas de receber sua mensagem." ("*Life and History*," pp. 53-54.)

O Espírito conduziu-me ao banco de uma praça, onde encontrei um homem chamado Karl Beckhaus, que aceitou a mensagem do evangelho, "com os olhos cheios de lágrimas". ("Life and History", p. 54). No dia seguinte o Élder Markow foi conhecer a família de Karl, cuja conversão foi rápida, mas o batismo demorou um pouco. Karl e Henriete Eselman, a mulher com quem ele vivia, não eram casados, e Mischa recusou-se a batizá-los. Sentindo-se ultrajado, Karl tentou processar Mischa, mas não obteve êxito. Henriete foi batizada com Frederick, seu filho mais velho, no dia 17 de outubro de 1888; dois dias depois três de suas filhas fizeram o mesmo. Dentro de duas semanas o humilde marido também foi batizado e Mischa oficiou o seu casamento.

Já quase sem dinheiro, Mischa viu que tinha que voltar aos Balcãs, para trabalhar, e pediu à Missão Suíça-

Alemanha que enviasse missionários para a Bélgica. Quando estes chegaram a família Beckaus tinha preparado uma série de referências, que resultaram em oitenta batismos.

Mischa emigrou para os Estados Unidos, depois que ganhou dinheiro suficiente, chegando na Cidade do Lago Salgado no dia 17 de outubro de 1892. Logo ao chegar abriu uma barbearia e no dia 24 de maio de 1893 casou-se com Nettie Hansen, uma conversa de origem norueguesa — o quinto casal que foi selado no recém-construído Templo de Lago Salgado. O casal teve dois filhos. Mischa naturalizou-se cidadão americano e ao ser ordenado um setenta em 1899 foi chamado para sua primeira missão oficial. Naquela época a Europa já estava dividida em diversas missões, mas sua carta de designação dizia que seu campo de trabalho seria simplesmente a "Europa". Durante os dois anos seguintes ele trabalharia em diversas missões.

Ao chegar o mês de maio de 1899 ele estava pregando para multidões de pessoas vivamente interessadas, na Sérvia, que agora fazia parte do sul da Iugoslávia. Três meses depois ele foi banido para a Hungria pelo Supremo Tribunal da Sérvia. Naquele novo país ele foi preso como anarquista depois de apenas um mês de trabalho e colocado numa solitária, enquanto os oficiais localizavam um comerciante que sabia suficiente inglês para verificar os papéis do Élder Markow. Ele foi expulso da Hungria em julho de 1899, agradecendo a Deus, pois "quanto mais eu era perseguido mais forte me sentia e satisfeito com o meu trabalho derramava lágrimas de alegria." ("Life and History," pp. 61-62.)

Em seguida ele partiu para Istambul, onde seu velho amigo F. F. Hintze era presidente de missão. O Élder Markow permaneceu lá uma semana, depois seguiu para a Romênia, levando consigo Argir Dimitrov, um homem de nacionalidade búlgara, que estava pesquisando a Igreja. Depois que Mischa o batizou no dia 30 de julho de 1899, Argir tornou-se seu primeiro companheiro. Duas semanas depois batizaram um homem em Bucareste, então o sucesso acabou.

Quando o Élder Spori estava recostado na amurada, esperando o navio partir, subitamente viu um homem que subia a rampa de acesso — Mischa Markow, a mesma pessoa que conhecera em visão.

Como sempre costumava fazer, Mischa dirigiu-se ao Senhor em oração e foi recompensado com um sonho vívido e detalhado, no dia 10 de dezembro de 1899, no qual visitou uma família apesar da grande oposição que algumas pessoas apresentaram. "Em meu sonho, quando a porta se abriu, vi uma senhora idosa sentada defronte de uma pequena mesa de forma retangular, com o cotovelo apoiado na mesa e me encaminhei para ela. Então olhei para trás e vi uma jovem. Ela olhou para mim. Fechou a porta e sorriu. Perguntei à senhora se ela possuía uma Bíblia e, quando ela respondeu afirmativamente solicitei à jovem que a trouxesse. Não demorou muito e ela entregou-a a mim. Abri o livro e comecei a pregar-

lhe o evangelho, e elas muito se alegraram e juntos rejubilamos.''

Aparentemente ele sabia de que família se tratava — ou pelo menos onde residia — pois ao sair dirigiu-se exatamente àquela casa e bateu à porta. Todos os detalhes de seu sonho foram cumpridos. Dois meses depois a mulher, sua filha e duas outras pessoas foram batizadas (''Life and History'', pp. 62-64). Aqueles batismos fortaleceram a fé dos missionários. Eles foram realizados no mês de fevereiro de 1900, e foram feitos numa casa de banhos que Mischa alugou com o objetivo de realizar os serviços batismais e acompanhou os conversos até lá. ''Ao nos dirigirmos para o local, senti que havia mais alguém junto de mim, mas não podia ver quem era. Olhando para a frente vi um homem ... na pia batismal improvisada, o qual depois desapareceu ... e o Espírito do Senhor sussurou-me: 'não tema, pois é um anjo de Deus.' Naquele momento me senti mais forte e a felicidade encheu meu coração.'' (''Life and History,'' p. 64.)

Pouco tempo depois ele batizou mais cinco pessoas. O pequeno ramo se reunia e nele se falava em romeno, alemão, búlgaro e grego. Porém com o crescimento veio a publicidade, e Mischa foi preso novamente e levado, primeiro à justiça da comarca, depois à corte superior. Quando eu estava sozinho no meio da sala circular do tribunal, que tinha um mobiliário imponente e um teto bem alto, ''vi suspensa no ar, acima de minha cabeça, uma pessoa vestida de branco, com roupas iguais às que se usa no templo, e aquela visão fortaleceu-me e o espírito do Senhor repousou sobre mim.''

No julgamento ele começou a defender-se explicando os primeiros princípios do evangelho, a apostasia e a restauração. Numa cena que muito se assemelhava à apresentação de Paulo diante do sinédrio, os próprios juízes começaram a discutir entre si a respeito da apostasia. Mischa foi preso e deixado a pão e água durante diversos dias, depois foi novamente banido (''Life and History'', pp. 66-67.)

Dali o Élder Markow partiu para a Bulgária, onde recebeu permissão de diversos ministros para dirigir-se a suas congregações, no término dos serviços religiosos normais. Ele registrou-se na delegacia como missionário. A polícia, presumindo que ele representava mais outra seita protestante não prestou muito atenção ao que ele ia fazer.

Porém esta situação não durou muito. Um pastor protestante desafiou Mischa, insultou-o e partiu jurando que iria procurar impedir-lhe o trabalho. O resultado imediato foram reuniões superlotadas — o pastor havia mandado publicar em jornais, em diversas línguas, advertindo o povo que não permitisse a entrada dos mórmons e não ouvisse as mensagens que eles transmitiam naquelas reuniões nocivas. Mischa, ao encontrar o homem na rua, alegremente agradeceu pela publicidade gratuita.

Mas os outros clérigos estavam alarmados com a popularidade dos mórmons e mandaram prender o Élder Markow, sob a acusação de que ele estava registrado na polícia como missionário de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e não como mórmon. A cilada surtiu efeito. Apesar da grande simpatia que os juízes tinham por ele, e dos diversos apelos que

foram feitos, ele foi deportado da Bulgária. Um outro sonho levou-o à cidade de Temever, na Hungria, onde chegou no dia 3 de setembro de 1900. Mischa sentiu que precisava de um companheiro, e a Missão Alemã mandou o Élder Hyrum M. Lau, de Soda Springs, Idaho, para ajudá-lo. Passaram-se algumas semanas e as autoridades exigiram que ambos lhes entregassem seus passaportes e certificados missionários. Mischa sabia o que aquilo significava, por isso trabalharam incansavelmente em sua defesa, usando todas as medidas legais que lhes eram possíveis. Em 1º de abril de 1901 eles foram intimidos a abandonar o país dentro de três dias. No dia 30 de março, protegidos pela noite, eles batizaram doze pessoas, ordenaram dois conversos a cuidarem do pequeno ramo de trinta e um membros, e partiram da Hungria para a Alemanha.

Finalmente, numa missão "oficial", Mischa foi designado a ser o presidente do ramo de Munique. Ele batizou mais quatro pessoas antes de voltar à Cidade do Lago Salgado, onde chegou no dia 28 de agosto de 1901.

Quase dois anos depois, no dia 3 de agosto de 1903, Mischa partiu para sua segunda missão. Em Liverpool o Élder Francis M. Lyman, do Conselho dos Doze e presidente da Missão Européia, designou-o a trabalhar sob as ordens do Presidente da Missão Alemã, Hugh J. Cannon, com uma designação especial: a Rússia.

Ele partiu imediatamente, parando na Hungria para trabalhar cinco semanas, depois iniciando o trabalho missionário em Riga, na Rússia, pregando o evangelho a uma colônia de alemães. Ao registrar-se na polícia ele descobriu por que fora uma atitude feliz ter-se dirigido primeiramente aos alemães, pois o ato de desafiar publicamente a autoridade e doutrina da Igreja Ortodoxa Russa impunha ao infrator a pena de dois anos de prisão na Sibéria; batizar um cidadão russo em outra religião impunha ao transgressor a pena de doze anos na Sibéria. Porém os alemães não eram sujeitos a tais restrições.

Ele continuou seu trabalho entre os habitantes daquela colônia até que aconteceu a mesma história de sempre — seu sucesso aborreceu os clérigos e ele foi novamente aprisionado. O bondoso juiz explicou a Mischa a respeito do processo de apelação, mas ele soube, através de um advogado que procurou para defendê-lo, que ninguém ousaria representar um mórmon perante a justiça. As pessoas que defendiam causas impopulares — especialmente um estrangeiro — costumavam desaparecer inexplicavelmente. Ninguém se arriscava a um fim tão prematuro.

Um mês depois de sua chegada, Mischa foi pregar o evangelho na Turquia. A seu pedido ele foi designado a trabalhar numa área muito difícil e realizou mais dez batismos antes de ser desobrigado no dia 1º de novembro de 1905.

O final da história de Mischa poderia ser idêntico ao do apóstolo Paulo, se aquele missionário da igreja primitiva tivesse podido voltar para o lugar de reunião da Igreja num país livre. Ao voltar para a América ele estabeleceu-se como barbeiro na Cidade do Lago Salgado. Os registros de sua atuação na ala mostram que ele foi um mestre familiar fiel e diligente. Em 1919 ele foi ordenado sumo sacerdote. Mischa Markow faleceu em 1934, trinta e três anos após sua momentosa missão.

Os últimos anos de sua vida tranqüila foram uma certa recompensa à missão que cumprira na vida, pois sua intrepidez foi sempre aplicada em exaltar a Cristo, e não a si mesmo.

VOVÔ

Um exemplo de serviço e posições elevadas.

Kathleen Lubeck

Eu tinha doze anos de idade quando meu avô morreu. Para mim ele era o exemplo de um santo - bondoso, amável e bom em todos os sentidos.

Para mim foi difícil acreditar que ele havia morrido, e seu falecimento encheu-me a alma de tristeza. Eu não apenas perdi um amigo, mas tinha plena certeza de que os céus o haviam chamado mais cedo. Em minha maneira infantil (embora entusiasta) de entender o evangelho, eu estava certa de que ele fora destinado a ser um grande líder na Igreja antes de partir deste mundo. Meu avô foi um homem profundamente caridoso, que literalmente dera seus sapatos a um mendigo que batera à porta, e seu sobretudo a um homem que parecia sentir mais frio que ele. Nada me tirava da cabeça que ele morrera prematuramente, pois ainda tinha muito serviço a prestar.

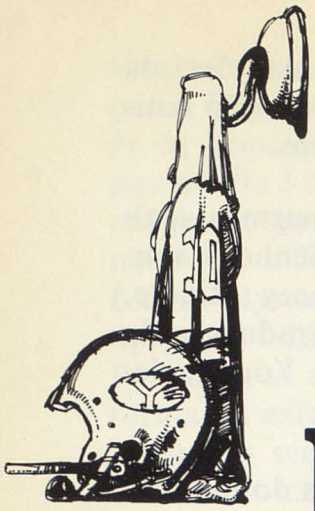
Ao recordar-me das cenas da infância, vejo agora como ele coordenava bem sua habilidade de servir com suas elevadas posições na Igreja. Muitos santos têm uma bondade inata, uma caridade que os qualifica a serem discípulos do Senhor. Porém o ato de servir não é sinônimo de posição. Quer estejam servindo em chamados de destaque ou nos menos notáveis, os verdadeiros discípulos seguem o exemplo de Cristo. Um chamado pode ser uma designação formal de trabalho para ele, mas o ato de servir é uma bênção que está ao alcance de todos nós, tanto nos cargos oficiais das organizações da Igreja como em nossa associação cotidiana com as outras pessoas.

A maneira de nos tornarmos realmente grandes à vista do Senhor é simplesmente servir. Chauncey Riddle, Deão dos Cursos de Pós-Graduação da Universidade de Brigham Young, declarou o seguinte:

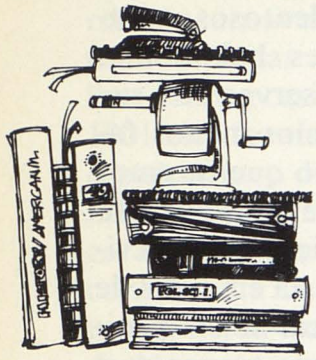
"Ao contrário das pessoas do mundo, que se preocupam mais com os indivíduos mais abastados, talentosos, preeminentes ou de grandes habilidades atléticas, os verdadeiros servos de Cristo se interessam mais pelos menos favorecidos... Pois o pouco que fazemos para ajudar as pessoas de destaque não significa realmente serviço, mas servidão... O indivíduo que está em nível de superioridade deve colocar-se em posição de inferioridade; deve tornar-se o servo daquele a quem está ajudando."

De que maneira podemos tornar-nos servos dos outros? Cuidando sinceramente deles, orando para obter o puro amor de Cristo que nos motive a servir (ver Morôni 7:47-48) e tomando a iniciativa de abençoar a vida de nossos semelhantes.

Meu avô procurou imitar o exemplo do Salvador em sua vida, e ela não foi de forma alguma desperdiçada. Minha vida foi profundamente influenciada pela sua, e estou certa de que muitas outras pessoas também receberam sua benéfica influência. Procurarei sempre ensinar a meus filhos os padrões de bondade que ele aplicou em sua vida, de maneira simples, porém significativa. Qualquer um de nós pode tornar-se discípulo de Cristo seguindo os exemplos de bondade que meu avô demonstrou.



INTERVALO PARA UMA MISSÃO



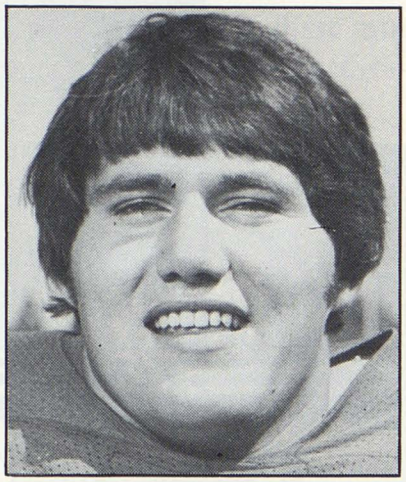
Rosemary Peck

Em 1978, 15.860 santos dos últimos dias recebem o chamado do profeta para cumprir missão. Entre eles encontravam-se muitos jovens talentosos, que deixaram de lado o estudo, esportes, música e inúmeros outros afazeres para servir ao Senhor. Alguns deles abandonaram tudo sem mesmo olhar para trás, com a inabalável confiança de que após a missão poderiam reiniciar suas atividades do ponto em que as haviam interrompido; outros partiram com sentimentos conflitantes — ansiosos de servir ao Senhor e propagar o evangelho, porém imaginando se aqueles dois anos não seriam o fim de uma parte importante de sua vida.

Lance Reynolds podia compreender muito bem tal situação. O futebol se tornara uma parte importante de sua existência desde a mais tenra idade, quando fazia parte dos times de futebol infantil. Durante algum tempo ele

jogou como atacante do time da Granite High School, da Cidade do Lago Salgado, e foi escolhido, aos 16 anos de idade, como um dos melhores jogadores da região. Sua equipe foi escolhida como o melhor time da estaca e logo depois como o melhor de todo o estado.

Lance entrou na Universidade de Brigham Young exatamente na época em que se permitiu, pela primeira vez, que alunos calouros jogassem representando a universidade, e ele jogou tão bem que ganhou o direito de usar em sua blusa as iniciais da universidade. No



LANCE REYNOLDS

segundo ano ele já estava participando da equipe oficial, e no terceiro, que prometia ser um dos melhores de sua vida ele seria o único jogador em posição de voltar a jogar na equipe do ano seguinte. Porém já era tempo de Lance sair em missão, e embora ele sempre pretendesse fazê-la, a decisão final foi uma das mais difícil que ele teve de enfrentar.

"Naquela época", recordou ele, "abandonar tudo para fazer uma missão parecia o final de minhas esperanças de fazer carreira no futebol. Ao defrontar-se com a escolha entre o futebol e a missão, ele preferiu servir ao Senhor.

Agora, cinco anos depois e com um contrato profissional, Lance já não acha que a pessoa tenha de fazer qualquer escolha." Por que não aceitar ambas as opções?" pergunta ele. "Os jovens que estudam e praticam atletismo não precisam "renunciar" ao que fazem para sair em missão — somente adiam a realização de seus sonhos por dois anos."

Ninguém melhor que ele é testemunha disto. Mantendo-se em boa forma física durante a missão, fazendo exercícios durante seu horário pessoal (antes das 6h30m) e mantendo o peso, Lance foi apto a vestir novamente o uniforme de sua equipe e jogar com a maior facilidade. Dentro de duas semanas foi como se ele jamais tivesse abandonado o esporte. No ano seguinte ele fazia parte do time oficial da BYU. Em seu último ano de estudo na universidade ele recebeu uma menção honrosa por sua esplêndida participação nos jogos universitários nacionais e recebeu uma proposta para jogar no Pittsburg Steelers, uma grande equipe profissional. Atualmente Lance está jogando no time dos Philadelphia Eagles.

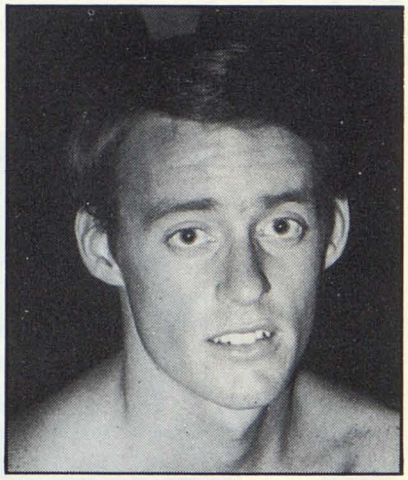
A natação, como o futebol, não faz parte das atividades da missão. Todavia Mark McGregor conscientizou-se de que devia esquecer seu esporte preferido durante os dois anos da missão. Um dos mais destacados atletas do nado livre da equipe da BYU, Mark pretendia

voltar a fazer parte dela depois da missão, e para isto se manteve em boas condições físicas seguindo os exercícios que se encontram no programa de aptidão física dos missionários, juntamente com exercícios para os braços, especialmente preparados para nadadores.

Quando estava no curso colegial Mark havia sido escolhido como um dos melhores atletas americanos naquela modalidade, e um ano antes de sair em missão ele bateu o recorde da BYU e venceu o campeonato nacional nas modalidades de 200 e 500 metros, nado livre. Durante sua ausência foi batido o recorde na prova dos 200 metros.

"O mais difícil quando se deixa de praticar natação durante algum tempo, "disse o treinador Tim Powers," é que os recordes são batidos rapidamente enquanto se está ausente." Mark não podia apenas voltar e ter sua antiga velocidade no esporte — teria que ser mais veloz ainda. E, para a inspiração de muitos de seus companheiros que estão planejando sair em missão, ele está se saindo melhor do que esperava. Desde que voltou ele já bateu o recorde escolar para os 200 metros nado livre, e também o seu antigo, na modalidade dos 500 metros (embora o campeão neste estilo seja agora seu companheiro de equipe, John Sorwich). Mark ainda vai estudar mais um ano na BYU, e seu treinador tem plena certeza de que ele ainda alcançará surpreendentes realizações.

Outro atleta, Ed Maisey, um missionário recém-chegado da Missão da Coréia do Sul, teve uma experiência bastante singular — ele conseguiu, lutando, que as pessoas aceitassem as palestras missionárias! Certa vez Ed foi designado para trabalhar numa base militar. Os missionários não tinham permissão de fazer trabalho de proselitismo na base, embora pudessem ensinar o evangelho se alguém lhes pedisse. Ed tornou-se treinador-assistente da equipe de luta livre do colégio, e através deste contato encontrou pessoas que mais tarde receberam as palestras missionárias.



MARK McGREGOR

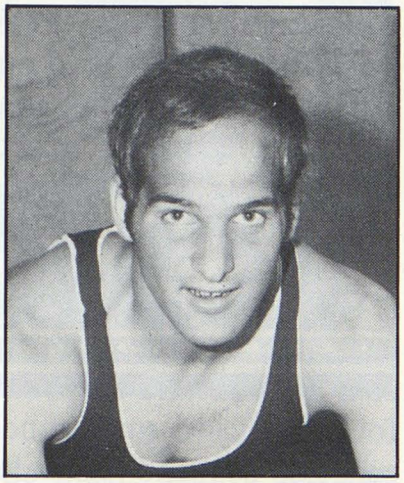
Quando ele estava em Seoul foi apresentado a Young Jung Mo, campeão olímpico. Ambos se tornaram grandes amigos e Ed trabalhou junto com Yong e a equipe nacional. Por mais emocionante que tenha sido aquela oportunidade, Ed ressalta que as experiências mais recompensadoras foram as relativas ao proselitismo. Lutar era simplesmente outro meio de abrir portas à pregação do evangelho.

Ed ganhou muitos campeonatos após a missão, mas infelizmente deslocou o ombro durante as finais do Cam-

peonato Colegial de Atletismo. Ele ainda tem um bom desempenho, de acordo com seu treinador-assistente, Ben Ohai. Durante a peleja em que foi ferido, quando lutava com o campeão mundial, o placar estava de 11-14. Ele ficou em sexto lugar em nível nacional.

Ed foi escolhido como o atleta do ano da Universidade de Brigham Young, para o período de 1978-79, e em 1980 entrou para a faculdade de odontologia de Nebraska para fazer pós-graduação.

Será que estes atletas acham que conseguiram maior destaque por terem cumprido missão? A resposta é unanimemente afirmativa! Como disse um outro ex-missionário, Mark McGregor: "Existe muita semelhança entre o campo missionário e o de atletismo, especialmente no que diz respeito à atitude mental. Em ambas as esferas de ação é necessário ter uma atitude positiva. Aprendi muita coisa sobre o que é necessário fazer para ganhar esse tipo de atitude enquanto trabalhava no campo missionário, e ela tem sido profundamente benéfica na prática da natação."



ED MAISEY

Lance assegura que ele ganhou maior dinamismo, concentração e autocontrole, e todos os três acham que ganharam maior autoconfiança ao retornarem ao campo desportivo.

Embora alguns missionários ao voltarem não reiniciem suas metas de atletismo, isto se deve geralmente mais ao fato de terem perdido o interesse por ele, do que por falta de capacidade. E, Mark e Lance têm plena convicção de que qualquer atleta que cumpre uma missão estará mais apto a recuperar sua antiga habilidade através de um esforço diligente.

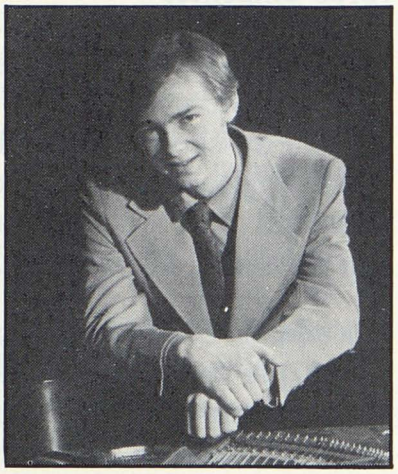
Lance afirmou que mesmo se isto não acontecesse, ele não deixaria de sair em missão por nada deste mundo. "Trocaria toda a minha experiência no atletismo pela oportunidade de cumprir missão", afirmou ele.

Kendall Bean é um concertista de piano que toca desde a idade de quatro anos. Durante a época do curso colegial ele freqüentemente se apresentava com a orquestra da escola ou como solista, executando o Concerto Número Dois para Piano, de Beethoven ou a Rhapsody in Blue, de Gershwin. Ele apresentou-se duas vezes seguidas no Festival de Bach do Norte da Califórnia, realizado anualmente, e em 1971 deu um recital de piano no Tabernáculo, acompanhado pela Orquestra Sinfônica de Jovens da Igreja, como vencedor do Festival de Jovens Artistas da AIM. Em 1974 ele se apresentou como solista na Universidade de Brigham Young e ganhou o prêmio Wakefield

para execução de piano, e também uma série de recitais de órgão patrocinados pela Igreja.

Kendall estava progredindo rapidamente, e era de se compreender se ele relutava em abandonar sua carreira. Quando já se encontrava no Centro de Treinamento Missionário sentiu-se inseguro a respeito de se o Senhor permitiria que ele reiniciasse sua carreira musical após a missão, e ficou imaginando se teria de viver uma vida completamente diferente, e se assim fizesse, o que pensariam os seus amigos.

Felizmente ele costumava escrever para uma amiga que sempre lhe dava



KENDALL BEAN

todo o incentivo e apoio. "Ela me disse que ainda não era tempo de me preocupar com aquelas decisões e, resumindo, que aquele pensamento era apenas um meio que o adversário estava usando para impedir-me de fazer o trabalho que se esperava de mim. Ela me disse ainda que se eu servisse ao Senhor com todo o meu poder, mente e força naquela época de minha vida, quando chegasse a ocasião de eu tomar aquelas resoluções importantes, ele me daria toda a ajuda a que tinha direito."

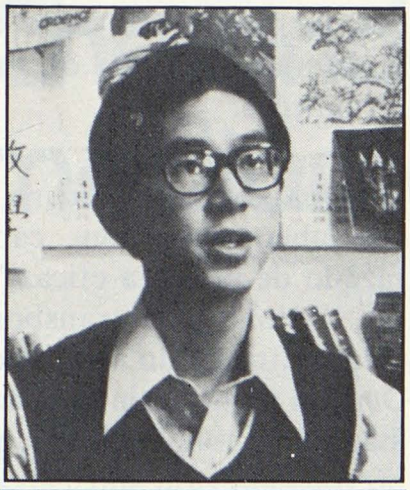
O tempo provou que os temores de Kendall eram infundados. O Senhor não queria que ele renunciasse à música, muito pelo contrário, ele e outros missionários que tinham talentos musicais puderam usá-los para levar avante seu trabalho. As atividades de proselitismo de sua missão incluiam programas de casa aberta e recitais aos quais muitos não-membros compareciam.

Kendall e os outros jovens ficaram surpresos ao descobrir que podiam ensaiar adequadamente para aqueles recitais em apenas uma ou duas horas de folga, enquanto os outros missionários jogavam basquete. "Descobri que o Senhor manteve ativo o meu talento musical durante aqueles dois anos, e ele sempre estava presente quando necessário. Normalmente ninguém ousaria dar um recital após um período tão curto de preparação, mas quando dedicamos nossa vida ao Senhor, podemos realizar coisas maravilhosas."

Um ano depois que Kendal voltou para casa, ele tocou um solo de piano com a Orquestra Sinfônica de Utah e foi classificado em segundo lugar num concurso de piano realizado na Feira Estadual de Utah e também na competição da Associação dos Professores de Música daquele estado. (Incidentalmente, a pessoa que tirou o primeiro lugar em ambos os recitais foi Mack Wilberg, outro missionário recém chegado.) Kendall é atualmente diretor do Coral dos Jovens da Estaca em El Cerrito, Califórnia e recebeu uma bolsa de estudos para pós-graduação em música na Universidade do Texas, de Austin.

Ocasionalmente os estudantes (ou seus pais) ficam preocupados com o efeito que a missão terá sobre seus estudos. Para algumas pessoas parece uma atitude contraditória, uma igreja que dá tanta ênfasse à educação enviar jovens de 19 ou 21 anos de idade em missão — numa época em que eles estão profundamente envolvidos na preparação de seu futuro.

Um fato encorajador nos mostra, através dos registros escolares, que os missionários que voltam da missão invariavelmente são melhores alunos que antes de fazê-la. Gerrit Gong, um estudante de Rhodes, que era um excelente



GERRIT GONG

aluno antes de partir para a missão, disse que este princípio também funcionou em sua vida, e sugeriu algumas razões para isso.

Ele acredita que, de uma forma direta a missão aprimora os hábitos de estudo, a concentração nos trabalhos acadêmicos e a motivação para estudar. E indiretamente, mas talvez de maneira mais importante, a missão proporciona a oportunidade de passar por uma vasta série de experiências humanas, que ampliam a nossa perspectiva e entendimento do mundo em que vivemos e aumenta o desejo que temos de aprender a respeito dele.

Ele acrescentou ainda: "O ato de estudar com o objetivo de ajudar os outros é uma das razões pelas quais tantos missionários que retornaram acham mais significativo o estudo que realizam após a missão"

Gerrit não vê qualquer divisão entre o trabalho missionário e a educação, ou entre a missão e as oportunidades futuras. Na verdade ele acha que é um erro separar as duas em nossa vida, e que seria melhor combinar o espírito de aprendizado para a eternidade com o do trabalho missionário, e considerá-los tão inseparáveis quanto a fé e obras."

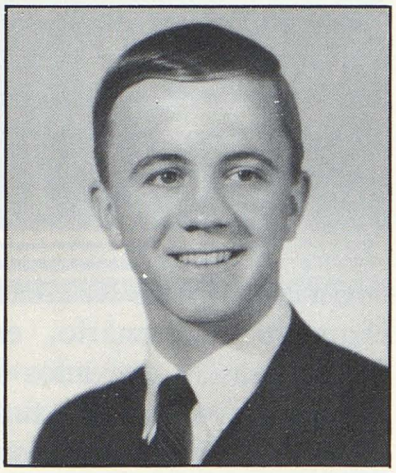
Para ele a missão não causou nenhum impedimento, tanto no campo educacional como no das oportunidades futuras. Ele considera a missão o primeiro passo para descobrirmos em que estas oportunidades podem vir a resultar.

Quando James R. Heap aceitou seu chamado missionário, estava plenamente cônscio dos anos de estudo de medicina e estágio que tinha pela frente. Todavia não tinha a menor preocupação de que os anos que dedicaria ao Senhor viriam a prejudicar de qualquer forma sua carreira profissional. Ao terminar a missão ele rapidamente recuperou o tempo "perdido". James fez um cursinho, prestou o exame vestibular e formou-se em medicina aos 26 anos, na mesma idade em que se for-

maram muitos outros colegas que não haviam interrompido seus estudos. (Incidentalmente, naquela época ele estava servindo como presidente de um ramo de estudantes.) Depois disto ele fez um estágio de três anos no Centro Médico da Base Aérea de Scott, em Illinois e atualmente está estabelecido com a família em Phoenix, Arizona, onde é um especialista.

Durante os anos que trabalhou como interno e em seu período de residência, ele continuou a prestar serviços à Igreja, cumprindo muitos chamados de responsabilidade, entre os quais os de secretário executivo, professor da Escola Dominical e sumo conselheiro.

O Dr. Heap tem plena certeza de que sua missão muito contribuiu para seu sucesso como médico. Ao dedicar-se novamente aos estudos ele descobriu que sua capacidade de aprendizado e facilidade de aprender muito haviam aumentado, e o que é mais importante, o tempo e talentos que ele dedicou ao trabalho missionário de tempo integral fez com que tivesse maior amor e interesse pelos outros. "Não basta ter apenas inteligência," assegura ele. "A inteligência combinada com o amor cristão pela humanidade, é a fórmula perfeita para ser um médico respeitável."



JAMES R. HEAP

Além de cuidar de suas responsabilidades como marido, pai de cinco filhos e médico, o Dr. Heap ainda encontra tempo para servir como diretor de música da ala, organista e acompanhante do coral, professor de relações familiares e do seminário de preparação para o templo. Para um jovem de apenas 30 anos de idade ele tem feito mais, que muitas pessoas em toda a sua vida.

É surpreendente como ele consegue desincumbir-se bem de todas as suas atribuições.

"Quanto mais procuro servir, mais sou abençoado com capacidade de fazê-lo de maneira eficaz," respondeu ele. "Minha vida transbordou de felicidade através do serviço que presto a Deus, a minha família e a meus semelhantes."

O Dr. Heap, Kendall e muitos outros jovens descobriram e aplicaram em sua vida o princípio que se encontra em Mateus 19:29.

"E todo aquele que tiver deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor de meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna."

Você está pensando em cumprir missão? Não perca esta oportunidade. Você não terá nada a perder... e muito a ganhar.

Chorando com a comediante da classe

Anya C. Bateman

No primeiro dia de aula de meu último ano de faculdade, fiquei feliz em saber que dois horários de aula de Alyce Pringle coincidiam com os meus. A felicidade era devida ao fato de que a aula a que ela assistia era sempre divertida. As brincadeiras que Alyce fazia eram sempre imprevisíveis. Ela era a comediante da faculdade de Hollenda, uma jovem brincalhona que, com o simples levantar de uma sobrancelha era capaz de criar uma situação cômica. Seus companheiros de classe a adoravam, o que não acontecia com os professores. "Você soube o que a Alyce fez (ou disse) hoje?", comentavam os alunos pelos corredores. Ao ouvir esta pergunta ninguém dizia, "que Alyce?" Todos já sabiam de quem se tratava.

Não sei muito bem por que ela começou a fazer troça de mim, mas creio que foi porque eu era encabulado e me ruborizava com facilidade. Ela sempre falava de meu rubor, o que me fazia ficar com o rosto mais vermelho ainda. Talvez ela mexesse comigo porque eu era muito sério, para meu próprio bem, e dizia , "Olhe aqui, Bill," e imitava a maneira como eu usava os óculos ao ler um livro. Talvez ainda fosse porque havia descoberto que eu era mórmon.

Certo dia, quando o professor Jackson me pediu que resolvesse um problema no quadro-negro, sem querer coloquei o giz na boca, e ficou parecendo um cigarro. Alyce notou a situação e disse em voz alta, "Bill, o que é isso! O que as pessoas vão dizer ao ver um mórmon fumando?" Tirei rapidamente o giz da boca e enrubeci quando 25 outros colegas começaram a rir. Ao voltar para minha cadeira surpreendi Alyce fazendo um gracejo. Ela parecia gostar disso.

Eu realmente não me importava que Alyce vivesse debochando de mim. Ninguém nunca me dera tanta atenção, e eu achava aquilo divertido. Alyce não era maliciosa ao brincar com os outros, não procurava ser cruel nem costumava rir das pessoas que não estavam presentes. Ser alvo das brincadeiras de Alyce era um cumprimento. Como sentávamos perto em uma de nossas aulas, a de álgebra, começamos a conversar de vez em quando antes de entrarmos na sala de aula. No princípio ela fazia troça de quase tudo o que eu dizia, mas depois ela começou a ser uma pessoa diferente e descobri que Alyce não era apenas uma comediante. Duvido que as outras pessoas conhecessem o outro aspecto de sua personalidade. Foi quando pensei que eu e ela poderíamos tornar-nos bons amigos que fiz algo que quase arruinou nossa amizade.

O professor Thorndike inesperadamente nos deu um teste de vocabulário espanhol. Até eu fiquei surpreso com aquilo, pois eu geralmente sabia quando ele ia dar as provas, mas daquela vez enganara até a mim. Na noite anterior eu havia me limitado apenas a ler rapidamente o vocabulário e preferi trabalhar em meu projeto de física.

Depois que terminei a prova, vi que havia deixado 14 palavras em branco. Então, para a minha humilhação, o professor fez com que corrigíssemos a prova em classe. Ele reuniu os questionários e entregou-os de volta aos alunos, e cada um deles corrigiu o que não era seu. Fiquei imaginando qual dos colegas pegaria o meu, e ficaria sabendo dos meus erros.

No dia seguinte, depois de dar as notas, o professor Thorndike nos devolveu as provas. "Parabéns, Bill", disse ele, "Você foi o único aluno que respondeu corretamente a todas as questões," disse ele entregando-me a prova.

"Mas, não é possível."

"Bem, o fato é que você conseguiu."

"Mas, eu..." gaguejei olhando para o teste. Realmente meu nome estava lá, e no canto da prova havia uma nota 10 bem destacada. Fiquei boquiaberto. Todos os espaços que eu havia deixado em branco tinham sido cuidadosamente preenchidos. Alguém havia colado por mim. Mas, por que? Olhei para todos os colegas de classe e vi que os que estavam sentados ao lado de Alyce olhavam para mim e sorriam. Ela estava de cabeça baixa, mas era aparente que também estava sorrindo. De alguma forma ela conseguira ficar com a minha prova e a corrigira, colocando as respostas corretas. *E agora, o que vou fazer?* pensei comigo mesmo. *Alyce,*

E agora, o que vou fazer?...Alyce, por que você foi fazer isto?

por que você foi fazer isto? ponderei, sentindo-me infeliz. Olhei novamente para a prova. Eu não podia aceitar aquela nota, mas o professor já a registrara em seu livro. Mas o pior de tudo é que eu não podia revelar que Alyce era a culpada.

"Pensei que você disse que tinha sido reprovado no exame," disse Ralph, um de seus colegas, quando saímos da classe. Eu ainda estava com a prova na mão, mas meus dedos cobriam a nota.

"Esta brincadeira da Alyce realmente me deixou em maus lençóis, disse eu.

"Não me diga que foi ela," disse Ralph, começando a rir.

"E agora, o que vou fazer? O que você faria se estivesse em meu lugar?"

"Não tenho a menor idéia. Creio que simplesmente esqueceria o que aconteceu."

"Ralph, não posso aceitar essa nota. Tudo aconteceu como lhe disse. Eu tinha sido reprovado.

"Pois, então pegue o livro e mude a nota quando o professor não estiver olhando."

"Não é possível."

"Então simplesmente esqueça. Se você causar problemas para a Alyce todos os alunos ficarão zangados com você."

"Mas a maioria das pessoas sabem o que eu e você somos e conhecem o caráter dos mórmons. Mesmo se eu não me importasse pessoalmente em ser desonesto, e realmente me incomodo, não posso enganar o professor porque isto daria uma péssima imagem à Igreja."

"Fazer com que todos os alunos o odeiem também não vai fazer as coisas ficarem melhores, você não acha?"

"Não."

"Então esqueça."

"É, talvez você esteja com a razão." Não há dúvida, pensei eu, Ralph está certo. Não causarei problemas a ela. Simplesmente esquecerei o que aconteceu. Porém no fim do dia, quando eu estava na aula de álgebra, ainda não tinha conseguido esquecer. Eu tinha que falar com Alyce sobre o que ela fizera.

"Você ganhou uma nota 10 no teste de espanhol, não é mesmo?" disse Alyce sorrindo. Seus olhos negros eram brejeiros. Quando ela não estava fazendo troça até que era uma moça bonita.

"Sim," disse eu, "E é de admirar, pois não tinha estudado." Vi que ela podia notar o quanto me sentia miserável.

"Você parece que não está muito feliz para alguém que saiu tão bem nas provas, mesmo sem ter estudado."

"E não estou, Alyce. Foi você que me colocou nesta situação difícil. Tenho pensado muito a respeito do assunto e não posso aceitar a nota que recebi. O que posso fazer?

"Eu devia saber que você se sentiria assim! Você é maçante, Bill, não se pode brincar com você." Ela tentou fazer de conta que a situação não era séria. "Está bem, vá em frente e conte ao professor Thorndike. Pouco me importo."

"Não quero criar problemas para você."

"Já disse que não me importo. Faça o que bem quiser."

Eu podia sentir que ela *se importava.* Falar com ele não melhorou em nada a questão. Depois, no meio de uma das aulas, pensei comigo mesmo que o professor Thorndike jamais saberia de nada a respeito de que Alyce havia corrigido minha prova, se eu não lhe contasse. Eu diria a ele simplesmente que alguém tinha alterado as respostas e que eu realmente errara no teste e não obtivera aquela nota. Ele com certeza não perguntaria quem corrigiu a prova, pensando que eu não saberia responder. Na verdade, como eu poderia saber? Mesmo se ele suspeitasse de Alyce, ele não podia provar que ela era culpada. Se ele me perguntasse se eu sabia quem fez aquilo, simplesmente lhe diria que não desejava criar problemas para ninguém. Depois da aula sorri para Alyce, toquei em seu braço e falei:

"Não se preocupe."

Quando terminaram as aulas, fui direto ao gabinete do professor Thorndike e contei-lhe tudo o que havia acontecido. Ele ficou irado, mas não me perguntou quem havia feito aquilo. Fiquei ali parado e vi quando ele riscou a nota 10 e colocou um zero.

"Da próxima vez prepare-se melhor," disse ele rispidamente.

"Sim , senhor."

Com aquilo pensei que o problema estava solucionado, mas me enganei. No dia seguinte eu podia dizer pela maneira como o professor se levantou de sua mesa que ele estava extremamente zangado. Prendi a respiração.

"Anteontem alguém corrigiu a prova de vocabulário de Bill McKinley," disse o professor Thorndike, pausadamente." Essa pessoa preencheu alguns espaços com as respostas certas e Bill recebeu uma nota que não merecia. Quero saber agora quem foi essa pessoa." Naquele momento eu devo ter empalidecido. Eu não ousava olhar para ver o que Alyce estava fazendo, com medo de revelar quem era o culpado.

"E ainda tem mais," continuou ele, "Se a pessoa que fez isto não se identificar, toda a classe será castigada. No momento ainda não sei como, mas pensarei num jeito. Agora, quem foi o autor?"

Abaixei a cabeça e comecei a orar em silêncio. Por que foi acontecer aquilo? A tensão aumentou dentro da sala, quando ninguém respondeu. Meu coração quase parou. Então, para minha própria surpresa, disse ao professor, "Não queria causar problema a ninguém."

"Não interfira, Bill," disse o professor Thorndike." Pergunto novamente, quem corrigiu a prova?" disse ele dramaticamente.

"Eu disse que não queria causar problema a ninguém," repeti, para surpresa minha e do professor, que ainda de boca aberta ficou olhando para mim.

Antes que ele tivesse a oportunidade de me repreender, ouvi uma voz que disse, "Fui eu, professor."

"Quem disse isto?" perguntou ele, olhando para toda a sala.

"Eu." confirmou Alyce destemidamente. "Foi só uma brincadeira".

O professor, que nunca havia gostado de Alyce, olhou bem para ela, com os olhos cheios de ira. "Eu devia saber. Sim, não podia ser outra pessoa. Pois bem, mocinha, já estou cansado de brincadeiras, e darei um jeito para que isto não mais aconteça." Ele falava tão alto que quase se escutava lá fora. "Vocês estão no último ano de faculdade e já deviam ter juízo. Estou cansado de ver tanta imaturidade. No ano que vem vocês serão pessoas formadas, e estarão ainda agindo como crianças. Alyce, quero falar com você depois da aula. Vou tomar algumas medidas para que isto não se repita. Vocês me entenderam?"

"Sim, senhor."

O resto do dia foi o mais infeliz de minha vida. *Eu devia ter feito o que Ralph disse,* pensei comigo mesmo. Era algo tão insignificante. Foi uma tolice criar tanta confusão só para cumprir as coisas direitinho. Por que não tinha mantido a boca fechada?

Fiquei sem saber o que dizer a Alyce, quando me sentei ao lado dela na aula de álgebra, e ela evitava olhar para mim. Alyce manteve a cabeça baixa, com os cabelos caindo na frente do rosto. "Alyce," murmurei, "Sinto muito, não queria que o professor ficasse zangado com você. Estou aborrecido com o que aconteceu. O que ele lhe disse após a aula?"

"Só que iria baixar minha nota do segundo bimestre. Ele estava furioso."

"Quero que você saiba que eu não queria criar tal confusão."

"Eu sei disso," disse ela. "Não se preocupe."

"Bill, você é uma das poucas pessoas que viu em mim mais que uma pessoa divertida. Não é fácil ficar brincando a toda hora."

"Se você crê nesse fato, eu também posso crer...porque você é a pessoa mais sincera que já conheci!"

Mas eu me preocupava, pois meu relacionamento com Alyce havia mudado. Embora ela ainda brincasse com os outros, tinha parado de me provocar, e ao conversar comigo parecia estar distante. No início pensei que ela estava zangada, mas depois notei que sua atitude era mais de constrangimento. Fiquei triste em ver que havia uma barreira entre nós, mas esperava que em breve, talvez antes do final do ano letivo, nossa amizade voltasse ao normal.

Porém antes de chegar essa época Pete, irmão de Alyce, foi morto num acidente de automóvel. As notícias correram rapidamente. Nas aulas de álgebra a cadeira a meu lado ficou vazia por uma semana, e meu coração encheu-se de pesar pelo que ela estava passando. Pensei até mesmo em escrever-lhe um bilhete, mas não sabia o que dizer. Afinal de contas, eram bem provável que Alyce não queria saber de mim. Na outra segunda-feira, ao ver que ela ainda não tinha voltado a estudar, decidi enviar-lhe um cartão. Fui até a livraria mais próxima e procurei um cartão de condolências que fosse apropriado. Finalmente encontrei um adequado e comprei. Chegando em casa eu já ia colocá-lo dentro de um envelope, mas antes disso escrevi algumas palavras de conforto no verso dele. Eu sabia o quanto Alyce admirava seu irmão. Ela me falara a respeito dele diversas vezes. Certa ocasião ela disse, "Pete não é como eu. Ele não gosta muito de brincadeiras. Ele é como você, que quase não tem senso de humor." Sempre que ela falava dele eu podia sentir um tom de orgulho em sua voz.

Decidi colocar o cartão no correio naquela noite mesmo, antes que mudasse de idéia. Tudo o que podia fazer era dizer que sentia muito e tentar consolá-la de alguma forma. Mesmo naquele momento em que nossa amizade estava estremecida, talvez minhas palavras a ajudassem de alguma forma.

Naquela sexta-feira Alyce voltou a assistir a aula de álgebra a meu lado. "Como está passando?" perguntei a ela, tocando-lhe o braço. Ela parecia cansada e emagrecida.

"Creio que estou bem. Obrigada pelo bilhete." No instante seguinte alguns de seus amigos entraram na sala e ela chamou-os, dizendo alguma coisa engraçada. Os colegas riram, contentes em ver que Alyce se encontrava bem. Ela baixou o olhar para sua carteira, depois voltou-o novamente para mim, dizendo, "Poderia falar com você depois da aula."

"Claro que sim," respondi, imaginando o que ela desejava conversar comigo.

"Encontre-me no jardim, perto do carvalho."

"Está bem."

Encontramo-nos lá depois que soou

o sinal, e começamos a caminhar, sem dizer nada. Depois de algum tempo ela rompeu silêncio. "Você se importaria se nos sentássemos na grama para conversar um pouco?" perguntou ela.

"Será um prazer, Alyce."

Depois que nos sentamos ela ficou calada por alguns momentos. Alyce estava de cabeça baixa e eu não podia ver seu rosto, mas logo notei uma lágrima banhar a grama. Entreguei-lhe um lenço. "Vamos embora, Bill. Não quero que ninguém me veja assim. Eu fiz tudo para não chorar."

Caminhamos ao redor da escola até encontrarmos um lugar bem isolado perto da arquibancada da quadra de esportes. Ela havia parado de chorar e segurou minha mão. "Bill, você é uma das poucas pessoas que viu em mim mais que uma pessoa divertida. Não é fácil ficar brincando a toda hora, pois vivo sob uma certa tensão." Dizendo isto ela começou a rir. "Você não acha engraçado?"

"Creio que posso compreender," respondi.

"É como agora. Eu não sinto vontade de ser engraçada, mas ninguém sabe como tratar uma Alyce carrancuda. É por isto que tenho que brincar com os outros." Seus lábios começaram a tremer.

"Vamos, Alyce, chore se quiser. Isto lhe fará bem."

Ela caiu em pranto e eu coloquei meu braço ao redor de seus ombros e senti seu corpo estremecer quando ela soluçava. Tudo o que eu sabia dizer naquele momento era "Sinto muito."

"Eu sou uma tola," disse ela.

"Não, Alyce, isto é natural. Não se envergonhe de chorar."

Finalmente ela conseguiu controlar-se e mordeu seu lábio inferior. "Não vou mais chorar. "Ela engoliu em seco e forçou um sorriso." Creio que você deve estar imaginando porque convoquei esta pequena reunião," disse ela brincando. Então ela ficou séria novamente. "É a respeito de algo que você escreveu naquele cartão. Cheguei até a decorar aquela frase: 'Tenho plena certeza de que Pete continua a viver.' "Ela mordeu o lábio outra vez, tentando controlar as lágrimas. "Tenho que saber mais a respeito disso." Ela estava procurando controlar-se emocionalmente. "Minha família nunca foi muito religiosa, e eu quero saber onde meu irmão se encontra agora." Agora ela quase não podia controlar seus sentimentos e fez uma pequena pausa. "Se você crê nesse fato, eu também posso crer." Ela tentou sorrir. "Digo isto porque você é a pessoa mais sincera que já conheci!" Alyce fez nova pausa e ficou séria. "Sei que posso confiar em você, Bill."

"Fico feliz em saber disso," disse terna porém enfaticamente. "O que eu disse a você é a verdade." Agora eu também estava ficando comovido. "Sim, Alyce, eu gostaria de lhe dizer mais alguma coisa sobre este assunto." Meus olhos começaram a encher-se de lágrimas e naquele momento era eu que estava sendo tolo. "Pode emprestar-me o lenço?" Disse eu. "Creio que vou precisar dele antes de terminar esta reunião."

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

J.S. HUNT
J T Harwood '26